



**Mirante Esporte
Clube: um estudo
etnográfico do
processo de
aprendizagem e
reprodução do gosto
pela prática
futebolística
amadora na cidade
de Ponta Grossa –
Paraná (2013-2017)**

**Miguel Archanjo de
Freitas Junior¹**

Edilson de Oliveira²

Wendell Luiz Linhares³

¹ Doutor em História pela Universidade Federal do Paraná (2009). Pró-Reitor de Graduação da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG). E-mail: mfreitasjr@uepg.br

² Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais Aplicadas na Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG). Professor Colaborador do Departamento de Educação Física da UEPG. E-mail: edilsonde.oliveira@outlook.com

³ Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais Aplicadas na Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG). E-mail: wendell.lui@hotmail.com

**Mirante Esporte Clube:
an ethnographic study of
the learning process and
reproduction of the taste
for the practice of
amateur soccer in the
city of Ponta Grossa-
Paraná (2013-2017)**

<http://dx.doi.org/10.12660/rm.v9n14.2018.74105>

Resumo:

O objetivo do estudo foi analisar o papel da família no processo de aprendizagem e reprodução do gosto pela prática futebolística amadora. Para isto, optou-se em utilizar os princípios da Etnografia para estudar a equipe do Mirante E. C., localizada na cidade de Ponta Grossa-PR. Utilizou-se como baliza temporal o período de 2013 a 2017, momento que observou-se jogos oficiais, peladas¹ (jogos não oficiais), amistosos e também os espaços de socialização dos atletas, totalizando 180 saídas de campo. Nessa análise, identificou-se um imbricamento entre a estrutura familiar e a estrutura do clube, emergindo a necessidade de preservação deste lócus, ou seja, um espaço em que se valoriza a herança cultural futebolística, as trajetórias dos agentes, a coletividade e o próprio lugar.

Palavras-chave: futebol; etnografia; campo; herança cultural.

Abstract:

The purpose of the study was to analyze the role of families in the process of learning and reproduction of the taste for the practice of amateur soccer. For this, it was decided to use the principles of Ethnography to study the team of Mirante E. C., located in Ponta Grossa-PR. Within the period from 2013 to 2017, it was observed official games, pick-up games (unofficial games), friendly matches and the spaces for socialization of the athletes, totaling 180 empirical field research trips. In this analysis, it was identified an imbrication between family structure and the structure of the club, emerging the need for preservation of this space as the place of Mirante, that is, a space in which the football cultural heritage is valued, the track records of the agents, the community and the place itself.

Keywords: football; ethnography; field; cultural heritage.

¹ As peladas podem ser entendidas como jogos recreativos organizados pelas equipes, em sua grande maioria, contra outros clubes, as quais possuem uma dupla função. A primeira é a da socialização, pois os próprios jogadores estabelecem as regras, deste modo, atletas veteranos e jovens dividem os mesmos espaços. A segunda pode-se entender como preparatória para as competições amadoras. Devido a estas funções, percebeu-se que estes encontros possuem um papel central no processo de formação das equipes.

304 Mirante Esporte Clube: um estudo etnográfico do processo de aprendizagem e reprodução do gosto pela prática futebolística amadora na cidade de Ponta Grossa – Paraná (2013-2017)

Introdução

A formação cultural de um indivíduo engloba elementos que vão desde a política, a educação e as finanças, chegando a outros muitas vezes considerados secundários, como a literatura, o cinema, a música, o lazer e o esporte². Observar estes espaços à partir de suas interações simbólicas permite ao pesquisador ampliar a compreensão dos usos cotidianos da cultura e das relações vivenciadas nas sociedades em que elas estão dispostas (DOMINGOS, 2012a).

O campo³ futebolístico suburbano de Lourenço Marques localizado em Moçambique, é um exemplo ilustrativo de tal argumentação. Ao analisar este espaço Domingos (2012b) constatou que as ideologias cultivadas pelos indivíduos nas instituições educacionais, estatais, étnicas e religiosas contrastavam-se com as cultivadas no futebol, sobretudo no suburbano, promovido fora do controle do Estado. Ao analisar este espaço social, o autor percebeu que ali foi estabelecida uma nova ordem de equilíbrio, a qual não se pautava somente no interesse dos grupos dominantes.

No caso brasileiro, um dos precursores desta abordagem foi o antropólogo Roberto DaMatta que, através da coletânea intitulada “Universo do Futebol: Esporte e Sociedade Brasileira” (1982). O autor exerceu e ainda exerce influência significativa nas pesquisas que abordam a temática futebol em uma perspectiva sociocultural.

Para Damo (2003), uma das maiores contribuições de DaMatta (1982) foi incluir o futebol ao grupo de fatos sociais “relevantes” para a compreensão da sociedade brasileira. Entretanto Damo (2003, p. 131) ressalta que quem o lê “procurando saber a qual referente empírico ele está se dirigindo quando usa o termo futebol, não terá dificuldade em identificar na versão espetacularizada ou profissionalizada este referente”. Destarte, o autor defende a necessidade de olhar-se para o Brasil enquanto o país dos “futebóis⁴”, visto que, para além desta dimensão do esporte profissional, há outras interfaces que devem ser consideradas e exploradas na análise.

² Estes pressupostos normalmente estão balizados na teoria marxista, na qual os seus pensadores são reticentes a ideia ou possibilidade de que existam grupos que não atuem como a teoria previu. A este respeito Cf. FREITAS JUNIOR, Miguel A. *O futebol como objeto de estudo das ciências sociais: a urgência de novas abordagens*. Disponível em: [www.efdeportes.com/Revista Digital](http://www.efdeportes.com/Revista%20Digital), v. 10, n. 94, Buenos Aires, marzo de 2006.

³ De acordo com Bourdieu (2002, 2008a), o campo acadêmico, político, econômico, esportivo, dentre outros, deve ser visto como um espaço estruturado de posições ou de postos, o qual não é uma simples localização geográfica, mas um espaço abstrato.

⁴ O autor ensaia uma divisão do futebol em quatro matrizes ou configurações, são elas: a) futebol profissional, que compreende-se e engloba os atores (jogadores, especialistas e torcedores) do futebol-espetáculo ou de alto rendimento; b) o futebol de bricolagem, revela-se através das peladas, dos rachas, fute e as demais designações locais; c) já o futebol comunitário, denomina-se em outros contextos como futebol de várzea, de bairro ou amador; d) a quarta configuração é o futebol escolar, que vincula-se às instituições escolares, com enfoque pedagógico (DAMO, 2003; 2005).

Neste viés, as interações simbólicas provenientes da prática futebolística amadora⁵ realizadas na cidade de Ponta Grossa, localizada no interior do estado do Paraná – Brasil, apresentam-se como um campo profícuo para análise. Principalmente quando direciona-se o olhar para o Mirante Esporte Clube⁶, uma equipe de futebol com mais de 97 anos de trajetória, que originou-se em um bairro tradicional da cidade e por várias décadas manteve este laço afetivo entre o bairro e o clube.

Não obstante, devido popularização do futebol local que lhe possibilitou expandir-se para toda a cidade e região dos campos gerais⁷, bem como pela simpatia adquirida pelo Mirante E. C. após conquistas em nível estadual (campeão do interior e vice-campeão paranaense na década de 1930) e em nível local (campeonatos amadores) este elo com o bairro de origem enfraqueceu. Adentrou em seu lugar as relações de longa duração existente entre os jogadores e o clube, independente do local de moradia dos atletas. Deste modo, em muitos casos os sentimentos nutridos pelo clube foram repassados de geração para geração, através da rede de sociabilidade criada em torno das atividades do Mirante E.C.

Diante deste contexto, o objetivo deste artigo foi interpretar e analisar o papel da família no processo de aprendizagem e reprodução do gosto pela prática futebolística amadora no Mirante E. C., no período de 2013 e 2017.

A realização desta pesquisa justifica-se pelo fato de que quando se olha para o campo futebolístico, suas lógicas não se pautam simplesmente em uma libido econômica, expressa no desejo do atleta de tornar-se famoso e financeiramente estabelecido. Para muitos jogadores tornar-se profissional nunca foi uma meta a ser alcançada, isto não significa dizer que o futebol teve menos importância em suas vidas.

Considerando que a construção social do “gosto” do brasileiro pelo futebol sofre influência de variáveis como as diferentes regiões do país, o gênero, as diferentes matrizes futebolísticas (DAMO, 2003; 2005), as posições ocupadas pelos agentes nos diferentes campos sociais, entre outras. Buscou-se tentar compreender este processo de aprendizagem

⁵ Neste estudo o futebol amador é entendido enquanto uma prática descompromissada do ponto de vista legal, porém de extrema importância para os jogadores do Mirante E. C. Como ressalta Huizinga (2000, p. 5) em um jogo, neste caso o de futebol, “existe alguma coisa ‘em jogo’ que transcende as necessidades imediatas da vida e confere um sentido à ação. Todo jogo significa alguma coisa”. No campo futebolístico amador de Ponta Grossa, a característica lúdica e as festividades que permeiam a prática do futebol, não minimizam sua função distintiva e instituinte no campo.

⁶ No decorrer da presente investigação, optou-se por trabalhar com nomes fictícios, como estratégia que visa preservar tanto os sujeitos quanto o clube de futebol no qual realizou-se as observações in loco. A opção pela utilização de nomes fictícios foi em decorrência do grau de envolvimento estabelecido pelo pesquisador, ao ser aceito em várias camadas do grupo investigado, desta maneira sendo possível circular por diferentes subgrupos existentes dentro do próprio clube.

⁷ É composta por 19 municípios: Arapoti, Carambeí, Castro, Curiúva, Imbaú, Ipiranga, Ivaí, Jaguariaíva, Ortigueira, Palmeira, Piraí do Sul, Porto Amazonas, Ponta Grossa, Reserva, São João do Triunfo, Sengés, Telêmaco Borba, Tibagi e Ventania.

306 **Mirante Esporte Clube: um estudo etnográfico do processo de aprendizagem e reprodução do gosto pela prática futebolística amadora na cidade de Ponta Grossa – Paraná (2013-2017)**

e interpretação das possíveis razões que levam as pessoas a gostar de uma determinada prática cultural e para alcançar este objetivo recorreu-se à etnografia.

Entendeu-se que a partir desta metodologia tornou-se possível compreender como homens e mulheres vivem suas vidas (GEERTZ, 2001). Destarte, é importante perceber que questões como a compreensão do gosto pelo futebol está ligada a um sistema de signos passíveis de interpretação, denominado cultura, dentro do qual os acontecimentos sociais, as instituições e as relações de poder precisam ser descritas densamente (GEERTZ, 2008).

Procedimentos metodológicos

A etnografia direciona a realização de diferentes etapas metodológicas, que não necessariamente apresentam uma sequência estrutural obrigatória. Nesta pesquisa, primeiramente estabeleceu-se o objeto e os sujeitos, elementos que permeiam todos os tipos de produções científicas. Nesse sentido, definiu-se o campo futebolístico amador da cidade de Ponta Grossa, a qual possui uma história significativa no desenvolvimento do futebol estadual, pois em maio de 1909, a cidade sediou a primeira partida de futebol no Estado, através do jogo realizado “entre os funcionários da American S. Brazilian Engineering Co., encarregada da construção da via férrea que ligaria o Paraná a São Paulo e ao Rio Grande do Sul” (RIBEIRO JR, 2004, p. 28).

Em sua trajetória esportiva o Operário Ferroviário Esporte Clube (OFEC) é o único clube da cidade que permaneceu na condição de equipe profissional. Porém as suas participações sempre foram sazonais, oscilando entre momentos altos e baixos (como por exemplo, a conquista do seu primeiro título estadual ocorrida no ano de 2015, seguido por um rebaixamento para a segunda divisão da competição no ano seguinte).

A falta de uma referência no futebol profissional local, pode ser um dos motivos para o fortalecimento de outros tipos de futebol, como o futebol amador que tornou-se uma alternativa interessante para quem gosta de assistir e praticar este esporte. No presente estudo, analisou-se os indivíduos pertencentes ao Mirante Esporte Clube, um dos únicos clubes a disputar ininterruptamente as competições amadoras desde a sua primeira edição, realizada no ano de 1928.

Quanto à baliza temporal utilizada, cabe destacar que o estudo foi desenvolvido entre os anos de 2013 a 2017, tendo em vista que neste tipo de estudo há necessidade de análise e contato prévio com o tema, bem como autorização e aproximação com o grupo social investigado, seguido da realização das primeiras descrições e da aceitação por parte do grupo. Só a partir deste momento é que o pesquisador começa a realizar as suas descrições “densas”. Estas etapas diferenciam-se de pesquisador para pesquisador, de caso para caso, transformando o tempo em uma “variável dinâmica”, que não pode ser definida antecipadamente. É importante destacar também, que o estudo foi apreciado e aprovado

pelo Comitê de Ética e Pesquisa da Faculdade Sant'Ana, conforme designação da Plataforma Brasil inscrita sob o número do Parecer: 2.005.549.

Reconhecendo que o conhecimento preliminar sobre o objeto de estudo é essencial para traçar as estratégias de inserção ao campo. observou-se, em um primeiro momento, através da literatura⁸, como o futebol amador vem sendo retratado no contexto dos grandes centros urbanos e das pequenas cidades brasileira. Ação efetivada mediante busca nas bases de dados Scopus, Scielo e Portal de Periódicos CAPES/MEC, com os termos “futebol amador” OR “futebol de várzea”, com filtro para os últimos 10 anos. Além de buscas em bibliotecas locais, para o levantamento de obras que abordam a temática futebol no contexto da cidade de Ponta Grossa.

Na sequência, buscou-se a "autorização" para a inserção in loco, tarefa que foi facilitada visita realizada a Liga de Futebol de Ponta Grossa (LFPG), entidade responsável pelo gerenciamento do futebol local. Foi através desta entidade que obteve-se os contatos dos clubes filiados, os quais após algumas tentativas, conseguiu-se efetivar contato com o “responsável” pelo Mirante Esporte Clube, que se colou a disposição para possíveis esclarecimentos. Diante dessa receptividade e da impossibilidade de estar presente ao mesmo tempo nos diversos estádios de futebol, pois os jogos da competição ocorriam simultaneamente, sempre aos domingos pela manhã, solicitou-se a autorização para a inserção in loco nas instalações da equipe do Mirante.

Autorizada a entrada ao campo, iniciou-se a observação participante, desdobrada na estruturação de um diário de campo (DC), onde objetivou-se compreender as lógicas gerais e específicas do campo futebolístico amador pontagrossense. Tal compreensão se torna mais profícua quando ocorre uma caracterização específica, a qual pode ser adjetivada de “densa” (GEERTZ, 2008).

Esta adjetivação efetiva-se quando os pesquisadores são capazes de interpretar “o ponto de vista” dos próprios membros do grupo social investigado, através da vivência e da observação destas práticas oriundas de processos históricos, sociais e culturais (BOUMARD, 1999). Baseando-se em insights que permitem a reorganização dos dados, coletados inicialmente como fragmentos e indícios soltos de um arranjo complexo (MAGNANI, 2002). Ao passo que as descrições capturem os “detalhes, contextos, emoções e as nuances do relacionamento social a fim de evocar o ‘sentimento’ de uma cena e não apenas seus atributos superficiais” (ANGROSINO, 2009, p. 32-33).

⁸ A esse respeito, destacam-se os estudos de Rigo (2007) sobre um clube de futebol social recreativo e Rigo *et al.* (2010) sobre o futebol de várzea, ambos na cidade de Pelotas (RS); de Myskiw e Stigger (2014) sobre um circuito de futebol da cidade de Porto Alegre (RS); de Campos (2015) sobre a integração do espaço amazonense através das ligas municipais e Copa dos Rios de Seleções em Manaus e Parintins (AM); Pimenta (2013) sobre o futebol amador no sertão (CE); de Oliveira (2013) sobre a “suburbana” competição amadora de futebol em Curitiba (PR); no contexto local, destaca-se a obra de Ribeiro Jr. (2004) na qual o autor realiza um resgate das competições e resultados dos clubes pontagrossenses, porém sem reflexões teóricas; e de Freitas Jr (2000) sobre as causas do fracasso do Operário Ferroviário E. C., uma equipe de futebol profissional de Ponta Grossa.

308 **Mirante Esporte Clube: um estudo etnográfico do processo de aprendizagem e reprodução do gosto pela prática futebolística amadora na cidade de Ponta Grossa – Paraná (2013-2017)**

Para conseguir atingir estes objetivos, acompanhou-se os jogos de três categorias em que o futebol amador local é subdividida, são elas: a) Campeonato Amador Divisão Especial (acima de 15 anos); b) Campeonato Amador Máster (acima de 35 anos) e; c) Campeonato Amador Sênior (acima de 45 anos). Partindo desta definição passou-se a acompanhar os jogadores em partidas oficiais, nos seus espaços de socialização e confraternização (antes e após os jogos), nos amistosos, nos jogos treino, nas peladas, realizadas aos sábados a tarde. Também nos fizemos presentes nas festividades em datas comemorativas (aniversário do clube) ou para arrecadação de fundos, em mutirões para realização de pequenas reformas, como pintura dos muros, troca de portas, construção de pisos e rampas, além de reuniões da diretoria do Mirante E. C..

Foram totalizadas 180 saídas a campo, com tempo médio de permanência de 5 horas, resultando em mais de 900 horas no campo, registrando as informações em Diário de Campo (DC), pois normalmente o indivíduo lembra-se somente das coisas que o motivam e o empolgam, descartando fatos sem sentido no momento do acontecimento (DAMATTA, 1987).

Partindo dos conceitos de “estar ali” e “estar aqui”, descritos por Geertz (2010), a materialização do DC fez-se dentro e fora de campo. Além de um caderno de anotações manuseado logo após a saída do campo, utilizou-se o recurso do gravador⁹ como subsídio para a lembrança dos fatos e a construção de uma descrição detalhada das experiências observadas e experimentadas. Desta maneira, minimizando as perdas da memória. A segunda etapa de construção do DC consistiu na escuta e posterior transcrição do áudio e em seguida a construção de um relatório complementar.

Paralelamente ao processo de observação e estruturação do DC, realizou-se a interpretação e a análise do material empírico proveniente das saídas a campo. Neste processo analítico considerou-se como fundamental no estabelecimento das categorias, a frequência e a relevância das ações/práticas simbólicas observadas.

Contextualizando o campo futebolístico amador de Ponta Grossa

O campo social pode ser compreendido como uma representação abstrata, gerada por intermédio de um trabalho específico de construção (BOURDIEU, 2008a). Logo, existirão tantos campos sociais quanto forem as formas de interesse produzidas (BOURDIEU, 2004).

Ainda de acordo com o autor, tal como um mapa, o campo proporciona aos agentes nele inseridos uma visão panorâmica, através de “um ponto de vista” dentre os inúmeros

⁹ Optou-se pela utilização do aplicativo de gravação de áudio do *smartphone*, devido à praticidade de seu uso e por se tratar de um objeto extremamente familiar no campo, assim este causaria menos estranhamento se comparada à utilização de um gravador tradicional. É importante destacar que não foram realizadas gravações durante as rodas de sociabilidade, sem a autorização dos agentes.

pontos que o constituem. Por conseguinte, todas as práticas, ações e representações dos agentes sociais estão ancoradas a sua trajetória e visão do campo. Para a leitura de um espaço social enquanto um campo, torna-se necessário o cumprimento de alguns requisitos. Dentre eles, a identificação de objetos de disputas, que só possuem valor e sentido completo para os agentes pertencentes ao campo específico destes objetos (BOURDIEU, 2002).

No campo futebolístico amador de Ponta Grossa, encontrou-se no status o objeto maior de disputas entre os agentes. Estas disputas simbólicas ou este “jogo de status” (GEERTZ, 2008) eram realizados coletivamente por um grupo, em torno dos símbolos de um clube de futebol e individualmente através da busca pela consagração/legitimação pessoal. Não obstante, estas disputas estavam imbricadas, uma vez que o status de campeão adquirido pelo clube que vence a competição amadora, era desfrutado também por seus jogadores, e os troféus individuais de um artilheiro ou do melhor goleiro do campeonato contribuíam para o aumento do status do clube que representavam.

Ressalta-se a importância de se relativizar o entendimento do título/troféu de campeão enquanto objeto de disputa agregador de status. Isto é, a conquista de títulos era mais um dos elementos legitimadores que atribuíam poder simbólico¹⁰ a um agente, acrescenta-se também a habilidade técnica, a inteligência tática, o carisma, a posição ocupada dentro do clube que representa, a posição ocupada socialmente, a herança cultural futebolística (jogadores que são filhos ou possuem algum grau de parentesco com agentes legítimos no campo) e a trajetória do indivíduo no campo, foram alguns dos elementos que observou-se durante o tempo destinado a permanência no campo.

Em virtude desta diversidade de elementos, o campo é permeado por estratégias¹¹, tanto de subversão quanto de conservação do poder adquirido. Portanto, o status conquistado pelo agente está diretamente relacionado ao capital global (econômico, cultural, social e simbólico¹²) acumulado ao longo de sua trajetória social. Através desta relação, é possível encontrar a gênese dos esquemas de percepção, pensamento e ação, constitutivos do que Bourdieu (2004) chama de habitus.

¹⁰ Este poder simbólico possui também uma dimensão abstrata, que o torna invisível dentro das trocas simbólicas, porém legítimo e reconhecido por todos os agentes da estrutura (BOURDIEU, 2002). Até mesmo quando exercitado de forma latente através “das armas ou a do dinheiro, a dominação possui sempre uma dimensão simbólica” (BOURDIEU, 2001, p. 209).

¹¹ De acordo com Bourdieu (2004, p. 23) as estratégias são ações orientadoras das práticas, que “embora não sejam produto de uma aspiração consciente de fins explicitamente colocados a partir de um conhecimento adequado das condições objetivas, nem de uma determinação mecânica de causas, mostram-se objetivamente ajustadas à situação”

¹² Através dos escritos de Bourdieu, Bonnewitz (2003) versa sobre as quatro possíveis distinções do capital, quais sejam: Capital econômico - constituído pelo conjunto dos bens econômicos (renda, patrimônio, bens materiais); Capital cultural - correspondente as qualificações intelectuais produzidas pelo sistema escolar e/ou transmitidas pela família. Encontra-se nos estados: incorporado (como disposição do corpo), objetivo (como bem cultural) e institucionalizado (socialmente sancionado como os títulos acadêmicos); Capital social - conjunto das relações sociais de que dispõe um indivíduo ou grupo e; Capital simbólico - corresponde ao conjunto dos rituais ligados à honra e ao reconhecimento.

310 **Mirante Esporte Clube: um estudo etnográfico do processo de aprendizagem e reprodução do gosto pela prática futebolística amadora na cidade de Ponta Grossa – Paraná (2013-2017)**

O habitus é um sistema de esquemas de produção de práticas e, ao mesmo tempo, um sistema de esquemas de percepção e apreciação destas práticas. Em ambos os casos, segundo o autor, a posição social em que estas práticas foram aprendidas é expressa pelos agentes. Desse modo, o habitus produz práticas e representações que “só são imediatamente percebidas enquanto tal, por agentes que possuam o código, os esquemas classificatórios necessários para compreender-lhes o sentido social” (BOURDIEU, 2004, p. 158).

Os fatos observados no campo futebolístico amador pontagrossense e mais especificamente no Mirante E. C., foi que a noção de família, seja ela consanguínea ou por consideração, nos permite entender a importância dada por estes agentes as relações de longa duração e a herança cultural futebolística. No último caso, ao herdar o capital futebolístico (social e simbólico) dos pais, avós ou tios, o herdeiro detinha uma vantagem nesta disputa simbólica por status, uma vez que havia incorporando o gosto e as lógicas da prática futebolística logo no início de seu processo de socialização.

Notas sobre a lógica do casamento

Em sua obra intitulada “A Distinção”, Bourdieu (2008a) estrutura uma sociologia do gosto. Ele demonstra através de uma infinidade de dados, como os diferentes grupos sociais (ortodoxos e heterodoxos), incorporam certos padrões de gostos, decorrentes de padrões de habitus. Para o autor, estas preferências manifestadas cotidianamente (gosto), são afirmações práticas da existência de diferenças inevitáveis entre agentes e grupos localizados em posições distintas do campo social.

Bourdieu (2008a) atribui à família e à escola, uma importância singular no processo de aprendizagem e reprodução destas preferências, uma vez que ocorrem nestes espaços as socializações primárias dos agentes. Ou seja, é através das relações sociais com os familiares (pai, mãe, irmão, avós, etc.) que as primeiras práticas e disposições de agir são aprendidas. Posteriormente, a escola também se apresenta como um espaço legítimo e legal da aprendizagem de novas práticas sociais.

Inseparavelmente, família e escola operam como espaços constituintes das competências julgadas “necessárias” para os diferentes momentos, bem como espaços de definição do valor destas competências. Desse modo, ao aferir valor a uma determinada competência cultural, a família e a escola baseiam-se em um senso de aplicação que justifique os investimentos (altos ou baixos) realizados (BOURDIEU, 2008a).

Ao analisar a relevância da prática futebolística e principalmente das relações sociais decorrentes destas práticas na vida dos agentes inseridos no campo futebolístico amador de Ponta Grossa, infere-se que neste contexto específico as relações sociais

emergentes da prática do futebol também adentram ao hall das socializações primárias dos agentes.

Portanto, percebeu-se no Mirante E. C. e no campo futebolístico amador pontagrossense como um todo, que as famílias envolvidas nestes espaços, independente das singularidades e pontos de vista, atribuíam às competências futebolísticas uma alta valoração. Elas acreditavam que as práticas, valores e representações aprendidas neste espaço seriam “aplicadas” em outros momentos. As mais visíveis eram as regras relacionadas às socializações e os “valores” morais e éticos que permeavam as práticas futebolísticas, em nível de peladas ou jogos oficiais por campeonatos.

Devido à alta valorização dos investimentos nas competências futebolísticas – econômicos, mas principalmente de “tempo” ou dos sacrifícios (vestir a camisa do clube, mesmo sofrendo dores decorrentes de alguma lesão ou doença) –, foi possível identificar no Mirante E. C. um imbricamento por parte de um grupo de jogadores, entre a estrutura familiar e a estrutura do clube. Ação descrita através de uma metáfora com o casamento que, ao longo das descrições densas constatou-se não se tratar de uma simples analogia, mas uma lógica produzida e reproduzida histórica e socialmente pelos agentes. Como pode-se observar no trecho do diário de campo a seguir:

Mesmo após mais uma derrota, a qual quase zerava as chances de classificação do Mirante E. C. para as quartas de final da competição, a “cervejinha” no final do jogo estava presente, embora com “gosto amargo”, era também proibido falar na derrota, apontar culpados, inferiorizar a si mesmo ou ao clube. Mais uma vez, o OFEC foi o centro das conversas devido a sua atuação no campeonato paranaense de futebol [ano em que se sagrou campeão]. Após algumas garrafas e vários temas discutidos, como: política, esporte, assuntos pessoais e etc. um dos jogadores realizou uma crítica, referente a atuação do time em campo e logo foi repreendido por seu Tião. Pois segundo ele, a relação entre “o jogador, o futebol e o clube”, eram como um casamento, o qual não vive somente de momentos bons, mas também de ruins e mesmo nas dificuldades era preciso lutar para que esta relação não se acabasse, além de ser nestes momentos difíceis que o amor se fortalece. (Diário de Campo, 26 de abril de 2015).

Em virtude do reconhecimento da legitimidade de fala (CHAUÍ, 2007; BOURDIEU, 1998) de seu Tião, decorrente do seu posto de “veterano¹³”, suas palavras foram ouvidas

¹³ Ao dirigir-se a palavra a um agente do campo, com idade elevada ou cita-lo, não se deveria utilizar os substantivos “velho” ou “idoso”. Mesmo que o agente demonstre claramente traços claros de envelhecimento, a ancoragem do velho a características negativas tornava seu uso ofensivo. Neste viés, a utilização da palavra idoso comporta a mesma carga simbólica, porém de maneira polida. Destarte, se deveria utilizar o substantivo “veterano”, o qual tem a função de demarcar uma distinção, clara entre os agentes do campo, entre “o que é ser velho” e “o que é ser veterano”. Pois no segundo caso, sua ancoragem está associada às experiências de vida, posto de alguém pertencente ao campo por um longo período, objeto de desejo dos mais jovens.

312 **Mirante Esporte Clube: um estudo etnográfico do processo de aprendizagem e reprodução do gosto pela prática futebolística amadora na cidade de Ponta Grossa – Paraná (2013-2017)**

sem questionamentos, seguidas por um silêncio breve mas significativo, dado o volume e quantidade de diálogos que transitavam no espaço ao mesmo tempo. Para os jogadores, dirigentes e demais envolvidos na estrutura do Mirante E. C., a metáfora de seu Tião, expressava ou deveria expressar perfeitamente esta união. Nesta perspectiva, a aliança construída pelo grupo demandava um compromisso moral, que deveria ser apreendido para então ser aceito como membro da família.

Não obstante, assim como um casamento católico em que só pode ser consagrado por um sacerdote, no futebol não bastava simplesmente a vontade do agente em “casar-se” com o clube, para fazer parte da família, era preciso que este rito fosse legítimo. Nesse contexto, o processo de legitimação perante o grupo, ocorria quando os agentes já “legitimados” (veteranos) o apontavam como exemplo. Esta tradição inventada¹⁴ (HOBBSAWN, 1984), faz parte de um enredo místico criado em torno de uma série de acontecimentos que servem para legitimar o fato social.

Verificou-se este simbolismo também nos períodos de preparação para os jogos, nos vestiários e na roda formada ao término da partida, momentos identificados como as principais ocasiões de instituição. Nestes espaços, os agentes instituídos (alguns jogadores, técnico, auxiliares e algumas vezes os veteranos) geralmente proferiam elogios àqueles jogadores que se destacaram no decorrer da partida ou no jogo anterior. Seja por um gol feito, um passe que deu origem a uma boa jogada, pela marcação feita sobre um adversário ou até mesmo por um carrinho dado visando evitar a saída da bola. Na grande maioria das vezes, o elogio não ocorria pelo êxito, mas pela tentativa, pelo esforço e dedicação a equipe.

Desse modo, o elogio ou a crítica (em menor proporção, mas existente) “em público”, perante todo o grupo, tornava-se uma ação agregadora de capital simbólico que somada a outras ações, fundamenta a instituição ou destituição social de um agente por outro (BOURDIEU, 1998). Uma vez, nomeado e pertencente à “família”, este indivíduo adquiria o capital simbólico que o autorizava a convidar novos jogadores e com o tempo exerceria também a função de nomeador, ou seja, acumularia o poder necessário para instituir esses atletas como membros da família (BOURDIEU, 1998).

O futebol como continuidade da família ou como “segunda família”

No decorrer desta análise, identificou-se que um grupo significativo de jogadores do Mirante E. C. enxergavam o futebol como uma continuidade da família, contando com a presença dos filhos e esposas nas atividades do clube. Isso não ocorria simplesmente de

¹⁴ Por “tradição inventada” entende-se um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácita ou abertamente aceitas; tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente, uma continuidade, em relação ao passado. Aliás, sempre que possível, tenta-se estabelecer uma continuidade com um passado histórico apropriado.

forma indireta, através da ligação com o esposo ou pai/jogador, mas diretamente, de forma que os filhos e esposas possuíssem uma função na dinâmica social do grupo.

Quanto aos filhos, eles eram iniciados nas práticas futebolísticas através de seus pais, experimentando diferentes situações, por meio das quais seria possível incorporar as competências valorizadas pelo grupo. Nesse processo, os filhos pequenos, com idades entre 4 e 10 anos aproximadamente, eram expostos a uma infinidade de estímulos e sem grandes restrições, como: jogar bola no campo, nos momentos precedentes, no intervalo e após o término das partidas; entrar nos vestiários com os pais, espaço considerado sagrado para os jogadores segundo Petrognani (2016), além de possuírem um espaço no banco de reservas ou nos espaços destinados à imprensa durante as partidas.

Todas essas práticas seriam desautorizadas se partissem de outras pessoas ou até mesmo em se tratando de meninos mais velhos, porém os pais compreendiam esta faixa etária como a fase ideal para a aprendizagem do gosto pelo futebol. Era comum e interessante ver estes estímulos por parte de toda a equipe. Quando um menino entrava tímido com seu pai no vestiário pela primeira vez, por exemplo, logo ele era abordado por outros jogadores, que o instigavam a dialogar, realizando principalmente perguntas sobre futebol (time que torcia, se jogava na escola ou com os amigos), tentando familiarizá-lo ao ambiente. O mesmo observou-se quando eles entravam em campo com seus pais. Nestas ocasiões os jogadores tocavam a bola para os meninos e meninas (em menor número as meninas também participavam destas relações, com exceção da entrada no vestiário), incentivando-os a chutá-la no gol, incluindo-os em seus aquecimentos.

Desse modo, os acordos entre pai e filho ou filha para tornar o jogo de domingo um programa de família, ocorriam sem grandes conflitos. Mesmo quando estes filhos possuíam idades superiores – fato que limitava os acessos nos espaços, resumindo-se ao bar do clube e o alambrado – suas presenças nos jogos eram constantes e já se justificava, segundo eles, pelo gosto em ver o pai jogar, em conversar com amigos (filhos de outros jogadores) e pelos tradicionais churrascos após os jogos. De acordo com Rigo et al.(2010, p. 163), o fato das crianças observarem os jogos dos adultos, as aproximam do universo específico do futebol amador, pois “através deles as crianças vão conhecendo os times, os jogadores e vão familiarizando-se com as artimanhas desse futebol”.

Entretanto, ao referir-se à participação das esposas, este cenário tornava-se menos harmonioso, exigindo dos esposos/jogadores negociações e concessões em relação às atividades familiares, ou seja, se o jogo de domingo era objeto de desejo do esposo/jogador, ele deveria acompanhar sua esposa em outra atividade “equivalente”, uma atividade que fosse objeto do desejo dela.

Estes elementos empíricos revelam em certa medida, a forma como ocorrem os relacionamentos em Ponta Grossa. Trata-se de uma cidade interiorana, marcada por práticas conservadoras ou menos liberais, não obstante, devido à sua localização próxima da capital do estado e por encontrar-se no centro da região dos Campos Gerais, sendo fortemente marcada pela presença de várias instituições de Ensino Superior, estabelecem-se

314 **Mirante Esporte Clube: um estudo etnográfico do processo de aprendizagem e reprodução do gosto pela prática futebolística amadora na cidade de Ponta Grossa – Paraná (2013-2017)**

determinadas tensões entre as práticas culturais locais e as oriundas destas transformações urbanas. Deste modo, para alguns agentes determinadas esferas da vida, como os relacionamentos, devem seguir concepções mais tradicionais.

Através de discussões explícitas, de “indiretas” (comentários com duplo sentido) em meio ao grupo ou sem conflitos públicos, os jogadores negociavam com suas esposas o tempo destinado ao clube. Esta situação pode ser compreendida sob a perspectiva de Mair (1979, p. 93), uma vez que “o casamento cria novas relações sociais de afinidade e direitos recíprocos entre os cônjuges”.

Pode-se verificar uma destas negociações no trecho a seguir, descrito no diário de campo, após captar uma conversa entre dois jogadores do Mirante E. C., na qual um despedia-se alegando não poder esperar o churrasco, pois deveria almoçar com sua esposa.

Após a vitória do Mirante E. C., por três gols a dois, válida pela 9ª rodada do Campeonato Amador Máster, o clube assumiu a terceira colocação ficando à apenas um ponto do segundo colocado. A empolgação tomou conta dos jogadores e torcedores, fato que levou alguns jogadores a iniciarem uma coleta de contribuições financeiras para compra de carne, linguiça e pães. De imediato a maioria dos jogadores decidiu ficar para o churrasco, o qual não havia sido programado com antecedência. Assim, quando Rodrigo avistou Felipe deslocando-se em direção ao seu carro, ele chamou-o e perguntou se ele estava sabendo que fariam “uma carne”. Felipe respondeu que sim, mas que precisava ir para casa, novamente Rodrigo insiste para que ele ficasse. “–Fique ai irmão, os piás já foram buscar a carne, logo chegam do mercado, vamos ali tomar uma cerveja, você come uma carne e vai pra casa, a mulher nem vai perceber ou fala que o jogo atrasou”. Ambos riram e então Felipe respondeu: “–Não vou poder ficar mesmo, ontem jogamos à tarde com o pessoal aqui e ficamos até às 22 horas tomando cerveja. Hoje eu tenho que almoçar com a patroa, eu tinha um ‘cartucho’ e gastei ontem, se soubesse que fariam churrasco tinha ido pra casa cedo e aproveitava hoje, mas preciso ir mesmo”. Após esta frase os dois gargalharam e Rodrigo concordou com a “justificativa” do companheiro. Deste modo, eles despediram-se e um deles voltou para o bar, o outro entrou em seu veículo e deixou o estádio do Mirante E. C. (Diário de Campo, 23 de abril de 2017)

Com relação as esposas que acompanhavam seus cônjuges nos dias de jogos, foi possível identificar certa regularidade na forma de inserção ou aproximação com o espaço. Algumas esposas eram instigadas pela curiosidade de verificar in loco, os motivos e interesses do esposo em sair de casa domingo de manhã para jogar futebol. Como a esposa do jogador Paulo destacou, “Não dá para entender o que vocês veem de tão interessante

neste jogo, para acordar cedo, às vezes na chuva, se machucar ainda, só para correr atrás de uma bola?” (Diário de Campo, 05 de março de 2017).

Está argumentação pode ser compreendida através da noção de “sentido de jogo” descrita por Bourdieu (2008a), segundo o autor, ter o sentido do jogo significa “ter o jogo na pele”, dotar-se de um senso histórico. Neste viés, quem não vive no campo não consegue ver além da aparência, pois a bola era o menor dos objetos a ser disputado. O prazer de estar com os amigos e a identidade com o clube eram centrais, entretanto são elementos imperceptíveis para o leigo.

Porém, a grande maioria acompanhava os esposos pela primeira vez no estádio por ciúmes, frequentando o espaço para verificar o perfil dos demais jogadores e frequentadores. Dessa maneira, existia um esforço dos jogadores e dirigentes do Mirante E. C. em tornar o espaço “familiar”, pois isto facilitaria significativamente os acordos relacionados à “economia do tempo”. Deste modo, a estratégia adotada pelos jogadores era a aproximação de suas esposas às esposas dos companheiros, assim elas teriam outros motivos para acompanhá-los. Neste sentido, a realização de encontros somente para casais era uma das iniciativas do grupo.

Por volta das 14 horas, nos despedíamos (eu e minha noiva) dos poucos jogadores e dirigentes que ainda permaneciam no bar do Mirante E. C. Quando seu Tião me convocou, juntamente com alguns agentes ali presentes, para uma reunião sobre um evento a ser realizado com o intuito de angariar fundos para melhorias na estrutura física do estádio. Dentre outros assuntos discutidos, chamou-me a atenção o tema a as regras para participação do almoço, o qual seria destinado a “casais”, não permitindo a participação de jogadores que não namorassem, fossem noivos ou casados. O convite, no valor de 50,00 reais, corresponderia ao casal e em certa medida a família, pois os filhos não pagavam o almoço. Antes de encerrar a reunião, um dos jogadores do Mirante E.C. disse: “Bem que os jogos da prata (referindo-se ao Amador Principal) poderiam ser feitos à tarde né, assim a gente poderia combinar um almoço com a família aqui mesmo, fazíamos um churrasquinho antes do jogo, e encerrávamos o domingo com uma cervejinha depois do jogo” (Diário de Campo, 30 de julho de 2016)

Em sua pesquisa sobre o futebol amador no sertão, Pimenta (2013) descreve um cenário semelhante ao observado no Mirante E. C., no que se refere a presença dos familiares no campo. Segundo a autora “o futebol amador no sertão se apresenta como uma forma de lazer para toda a família, possibilitando para a maioria das mulheres e crianças um dos poucos meios de circular entre os distritos, se concretizando algumas vezes como única alternativa de lazer” (PIMENTA, 2013, p. 110).

A busca dos agentes envolvidos com as atividades do Mirante E. C. em tornar o clube um “lugar de família”, exige-nos reflexões sobre as relações familiares, mas também

316 **Mirante Esporte Clube: um estudo etnográfico do processo de aprendizagem e reprodução do gosto pela prática futebolística amadora na cidade de Ponta Grossa – Paraná (2013-2017)**

nos instiga a explorar o conceito de lugar, acima de tudo, o que um lugar específico pode representar em relação a um contexto globalizado.

Ancorando-se em Augé (2005) os “lugares” podem ser entendidos como espaços sociais onde formam-se as relações identitárias, por este motivo são espaços em que valoriza-se a coletividade, as trajetórias dos agentes e dos próprios lugares. Já os “não lugares” são o oposto desta compreensão, isto é, espaços em que prevalece o indivíduo “solitário”. Tratam-se de locais de passagem, que impossibilitam a formação de identidades, devido ao fluxo contínuo de agentes e imagem(AUGÉ, 2005).

Nesta nova dinâmica social, Sá (2014) enfatiza que a inquietação de Augé deriva da súbita e rápida substituição dos lugares pelos não lugares, em que cada vez mais os lugares representam “[...] um tempo passado e o não lugar um provável futuro” (SÁ, 2014, p. 211). De fato, durante o processo investigativo percebeu-se que muitos jogadores viam os clubes como locais de passagem, espaços que supriam determinadas necessidades e interesses, jogando por uma equipe distinta a cada ano.

Entretanto, na contramão desse movimento ou dessa tendência atual do futebol amador de Ponta Grossa, os jogadores do Mirante E. C. intentavam reduzir os impactos deste fluxo, fosse através das festividades, das rodas de socialização, mas principalmente com a aproximação das famílias ao clube, intentando fazer deste espaço um lugar. Neste processo, a chave para esta questão (na visão dos agentes sociais) era ensinar o gesto pela prática futebolística aos mais jovens.

Para alguns jogadores do Mirante E. C. a relação com o clube não se enraizava de tal forma. Desse modo, os investimentos (BOURDIEU, 2008a) eram menores nas atividades do clube, como presença em festividades e confraternizações, principalmente, em se tratando de tempo para organização destes eventos ou participação de mutirões. Embora seja importante ressaltar que os jogadores mantinham laços sentimentais fortes com os demais colegas de equipe.

Dentre outras razões, isto ocorria devido à ligação fraca dos demais familiares com a equipe, mas principalmente devido à ausência das esposas e filhos nos dias de jogos. Nestes casos, a “economia do tempo” fracionada entre o trabalho, a religião em alguns casos, a família e ao clube, que exigia presença regular nos jogos, tornava-se insustentável. Como pode-se constatar através do discurso de despedida de um jogador do Mirante E. C., publicado em um aplicativo de comunicação, que devido à economia do tempo estava deixando a equipe para dedicar-se mais a “sua família”.

Fala pessoal tudo beleza. Foi um prazer jogar com vocês. Acredito que a vida é feita de escolhas e escolhi não jogar mais aí com vocês. Estou muito distante da minha família no final de semana e acho que não compensa certas coisas. Vou aproveitar mais minha família. O tempo é muito curto,

trabalhamos a semana toda para no final de semana ficar nos campos. Sou sincero de falar que é minha diversão preferida. Mas não tenho mais cabeça para me dedicar em coisas não vão me trazer frutos bons. Espero que me entendam. Um abraço a todos aí e boa sorte galera. (IGOR, 2017)

Partindo do exposto e do caso supracitado, pode-se compreender que tornar o espaço atrativo aos demais familiares, fazia parte da própria estratégia de sobrevivência do clube, pois se nas relações sociais do clube estes valores não fossem exaltados, existiria uma tendência de que os acordos com as esposas fossem cada vez mais tensos e talvez insustentáveis para os jogadores. Como a prática futebolística amadora em Ponta Grossa, não é fundamentalmente fomentada pela remuneração financeira, pois não se trata de uma atividade profissional, o pagamento deveria vir de outra forma, qual seja, pelo próprio prazer que a atividade proporciona (HUIZINGA, 2000).

Nesse contexto, “ser de família” tornava-se fundamental para jogar no Mirante E. C. e elemento gerador de distinção (BOURDIEU, 2008a) quanto aos jogadores que se enquadravam nas lógicas do clube. Pois aqueles que não tinham a pretensão de estabelecer laços afetivos de longa duração com outros jogadores ou com o Mirante E. C. migravam para outros clubes, isso se seu status lhe garantisse a possibilidade e de escolher onde jogar, do contrário apenas abandonavam o campo futebolístico amador.

Considerações finais

A presente investigação objetivou analisar o papel da família no processo de aprendizagem e reprodução do gosto pela prática futebolística no Mirante E. C. da cidade de Ponta Grossa-PR. No decorrer desta análise, foi possível identificar uma dupla relação entre as famílias e o futebol. Os agentes que jogavam devido à identidade com o clube enxergavam o futebol como uma continuidade de suas famílias, outro grupo, porém, formado por jogadores que jogavam devido às relações de amizade, rodas de sociabilidade e ao amor pelo futebol, viam o futebol como produtor de uma segunda família.

Nesta relação com a prática do futebol, ambos os grupos de jogadores atribuíam às competências futebolísticas uma alta valoração, devido à possibilidade de utilizar e “rentabilizar” as competências aprendidas ali, em outros campos sociais. Justificando, assim, os investimentos econômicos e, principalmente, de “tempo” nesta prática.

Desse modo, foi possível identificar no Mirante E. C. um imbricamento, por parte de um grupo de jogadores, entre a estrutura familiar e a estrutura do clube. Descrito e expresso na equipe através da metáfora com o casamento, a qual não se tratava de uma simples analogia, mas uma lógica produzida e reproduzida histórica e socialmente pelos agentes sociais ali inseridos.

318 **Mirante Esporte Clube: um estudo etnográfico do processo de aprendizagem e reprodução do gosto pela prática futebolística amadora na cidade de Ponta Grossa – Paraná (2013-2017)**

Partindo do exposto, pode-se compreender que tornar o espaço atrativo aos demais familiares, fazia parte da própria estratégia de sobrevivência do clube, pois se nas relações sociais do clube estes valores não fossem exaltados, existiria uma tendência de que os acordos com as esposas fossem cada vez mais tensos e talvez insustentáveis para os jogadores. Desse modo, emergia também a necessidade de preservação deste espaço enquanto o “lugar” do Mirante E. C., ou seja, um espaço em que se valorize a herança cultural futebolística, a coletividade, as trajetórias dos agentes e do próprio lugar.

Artigo recebido em 09 mar. 2018.
Aprovado para publicação em 08 mai. 2018.

Referências

- ANGROSINO, Michael. *Etnografia e observação participante*. Porto Alegre: Artmet, 2009, p. 138.
- AUGÉ, Marc. *Não-lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade*. Edição 5, Campinas: Papyrus, 2005, p. 111.
- BOUMARD, Patrick. “O lugar da etnografia nas epistemologias construtivistas”. *Revista de Psicologia Social e Institucional*, v.1, n.2, Londrina, 1999, p. 1-6.
- BOURDIEU, Pierre. *A Distinção: crítica social do julgamento*. Trad. Daniela Keim e Gilheme J. F. Teixeira, Porto Alegre: Zouk, 2008a, p. 556.
- _____. *A Economia das Trocas Linguísticas: O que Falar Quem Dizer*. Trad. Sérgio Miceli. Edição 5, São Paulo: Editora da USP, 1998, p. 191.
- _____. *Coisas ditas*. Trad. Cássia R. da Silveira e Denise Moreno Pegorim, São Paulo: Brasiliense, 2004, p. 234.
- _____. *Meditações pascalianas*. Trad. Sergio Miceli, Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001, p. 324.
- _____. *O poder simbólico*. Trad. Fernando Tomaz, Edição 5, Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002, p. 311.
- _____. *Razões práticas: Sobre a teoria da ação*. Trad. Mariza Correa, Edição 9, Campinas: Papyrus, 2008b, p. 224.

BONNEWITZ, Patrice. *Primeiras lições sobre a sociologia de P. Bourdieu*. Trad. Lucy Magalhães, Petrópolis: Vozes, 2003, p. 149.

CAMPOS, Fernando Rosseto Gallego. “Ligas municipais e Copa dos Rios de Seleções: integração do espaço amazonense através da centralidade subterrânea”. *Revista Ra’E Ga*, v. 35, Curitiba, 2015, p. 288-313.

CHAUÍ, Marilena de Sousa. *Cultura e democracia: o discurso competente e outras falas*. Edição 12, São Paulo: Cortez, 2007, p. 367.

DAMATTA, Roberto. *Relativizando: uma introdução à antropologia social*. Rio de Janeiro: Rocco, 1987, p. 246.

_____. *et al. Universo do Futebol: Esporte e Sociedade Brasileira*. Rio de Janeiro: Pinakotheke, 1982, p. 124.

DAMO, Arlei Sander. “Monopólio estético e diversidade configuracional no futebol brasileiro”. *Movimento*, v. 9, n. 2, Porto Alegre, 2003, p. 129-156.

_____. *Do dom à profissão: a formação de futebolistas no Brasil e na França*. 2005. 435 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

DOMINGOS, Nuno. *Cultura popular urbana e configurações imperiais*. In Miguel Bandeira Jerónimo (Eds.). *O Império colonial em questão (sécs. XIX-XX): poderes, saberes e instituições*. Lisboa: Edições 70, 2012^a, p. 391-421.

_____. *Futebol e colonialismo: corpo e cultura popular em Moçambique*. Lisboa: ICS – Imprensa Ciências Sociais, 2012b, p. 314.

FREITAS JUNIOR, Miguel Archanjo de. *Operário Ferroviário Esporte Clube: um estudo das causas do fracasso de uma equipe de futebol profissional do interior do Estado do Paraná*. 2000. 133 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais Aplicadas) Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 2000.

GUEDES, Simoni Lahud. *Lógicas da emoção*. *Revista brasileira de Ciências Sociais*, v. 18, n. 51, São Paulo, 2003, p. 1-5.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 2008, p. 323.

_____. *El antropólogo como autor*. Barcelona: Paidós, 2010, p. 163.

_____. *Nova luz sobre a antropologia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001, p. 248.

HOBBSBAWN, Eric. *Introdução: a invenção das tradições*. In: HOBBSBAWN, Eric., RANGER,

320 **Mirante Esporte Clube: um estudo etnográfico do processo de aprendizagem e reprodução do gosto pela prática futebolística amadora na cidade de Ponta Grossa – Paraná (2013-2017)**

Terence. *A invenção das tradições*. Trad. Celina Cardim Calvacanti. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984, p. 9-23.

HUIZINGA, Johan. *Homo Ludens*. Trad. João Paulo Monteiro, Edição 4, São Paulo: Editora Perspectiva S. A., 2000, p. 162.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. “De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana”. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 17, n. 49, São Paulo, 2002, p. 11-29.

MAIR, Lucy. *Introdução a antropologia social*. Edição 4, Rio de Janeiro: Zahar, 1979, p. 291.

MYSKIW, Mauro; STIGGER, Marco Paulo. “O futebol “de várzea” é “uma várzea”!? Etnografia da organização no circuito municipal de Porto Alegre”. *Movimento*, v. 20, n. 2, Porto Alegre, 2014, p. 445-469.

OLIVEIRA, Allan de Paula. “Entre a várzea e o profissional: sobre um campeonato de futebol amador”. *Espaço Plural*, v.14, n. 29, Marechal Cândido Rondon, 2013, p. 114-139.

PETROGNANI, Claude. *Futebol e religião no Brasil: um estudo antropológico do “fechamento”*. 2016. 236 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2016.

PIMENTA, Rosângela Duarte. “O JOGO NO SERTÃO: CONHECENDO O FUTEBOL AMADOR NA ZONA RURAL”. *Espaço Plural*, v.14, n. 29, Marechal Cândido Rondon, 2013, p. 90-113.

RIBEIRO JUNIOR, José Cação. *Futebol ponta-grossense: Recortes da História*. Ponta Grossa: Editora UEPG, 2004, p. 292.

RIGO, Luiz Carlos. “AMIZADE, PERTENCIMENTO E RELAÇÕES DE PODER NO FUTEBOL DE BAIRRO”. *Pensar a Prática*, v. 10, n. 1, Goiânia, 2007, p. 83-98.

RIGO, Luiz Carlos; JAHNECKA, Luciano ; SILVA, Inácio Crochemore da. “Notas etnográficas sobre o futebol de várzea”. *Movimento*, v.16, n. 3, Porto Alegre, 2010, p. 155-179.

SÁ, Teresa. “Lugares e não lugares em Marc Augé”. *Tempo Social*, v. 26, n. 2, São Paulo, 2014, p. 209-229.